



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

“ONDE ESTÁ O WALLY?” REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NOS MUSEUS DE PRÉ-HISTÓRIA

Sara Mendonça Brito¹

RESUMO

As nossas imagens representam-nos? Partindo da análise de discursos expositivos das exposições de museus de arqueologia, referentes ao período da Pré-História, pretende-se questionar sobre as (in)visibilidades das mulheres e interrogar de que forma a construção de determinadas narrativas poderá contribuir para a validação de um discurso dominante. O perigo de transmissão de estereótipos como uma verdade inquestionável nos museus levanta sérias questões que têm que ser trazidas para discussão pública. Com base nas arqueologias feminista e de género, procurar-se-á provocar esse pensamento crítico acerca da missão destas instituições de inegável importância social.

Palavras-chave: Arqueologia; Museus; Mulheres; Feminismo; Género.

ABSTRACT

Do our images represent us? Starting from the analysis of discourses of archaeological museum exhibitions, referring to Prehistory we intend to question the (in)visibilities of women and ask how the construction of certain narratives may contribute to the validation of a dominant discourse. The danger of transmitting stereotypes as an unquestionable truth in museums raises serious questions that need to be brought to public discussion. Based on feminist and gender archaeologies, we will seek to provoke such critical thinking about the mission of these institutions of undeniable social importance.

Keywords: Archaeology; Museums; Women; Feminism; Gender.

1. INTRODUÇÃO

Quem visita “Do Tejo à Montanha, da Montanha às Lezírias. A descoberta de uma paisagem milenar” depara-se, ainda antes de entrar no Núcleo Museológico do Mártir Santo, com uma ilustração histórica que reconstitui um *Homo Sapiens Sapiens* do Paleolítico Superior com a paisagem das margens do Tejo atrás de si. É o cartaz da exposição. O homem está de pé, dando-nos a ideia de que avança sobre a paisagem, numa postura activa, de quem vai caçar. Entramos na igreja que acolhe a exibição e, na porta de entrada, a imagem que nos recebe é a mesma ilustração, o mesmo homem. A exposição está organizada de forma cronológica, pelo que, depois de passarmos pelo espaço sobre “A Evolução do Homem” (onde só figura o sexo masculino), o tema é “As Origens do Povoamento Paleolítico”. Vemos no-

vamente o mesmo homem, é a ilustração escolhida para ser a cara da exposição. Este é o início da exibição patente num dos núcleos do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, que pretende dar a conhecer as comunidades humanas que habitaram aquele território, desde a Pré-História até ao terramoto de 1755. Até aqui podemos não ver qualquer problema nesta opção expositiva. A ilustração é uma reconstituição histórica de base científica, representando os utensílios e adereços utilizados nesse período. Continuemos a visita. Segue-se o módulo sobre “As Primeiras Comunidades Produtoras de Alimentos”, sobre as quais é retratado “O Culto dos Antepassados”, questão que é ilustrada com uma proposta de reconstituição de um ritual funerário Calcolítico, realizado a partir de dados da gruta da Pedra Furada. Na ilustração podem ver-se quatro elementos: três homens, inclusive o defunto, e uma mulher, de joe-

1. FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / sarazenite@gmail.com

lhós. Prosseguindo, passamos pela Idade do Bronze e chegamos ao painel “Idade do Ferro. Entre Indígenas e Fenícios”. Nesta parte podemos observar uma ilustração, feita com base nos achados do povoado de Santa Sofia, onde se identificam pelo menos sete pessoas, das quais três são homens e outras três são mulheres. Não é possível perceber o sexo da sétima figura. Das sete pessoas representadas, apenas uma está sentada, uma mulher. Na parte da exposição dedicada à Pré-História e Idade do Ferro, podemos contar pelo menos treze representações humanas, entre as quais se reconhecem quatro mulheres e oito homens. Se incluirmos o painel que representa o percurso evolutivo da espécie *Homo* e dos seus antepassados, o número de elementos do sexo masculino cresce para dez.

Início o artigo com a descrição parcial do Núcleo Museológico do Mártir Santo do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, porque este integra a amostra de exposições de Pré-História dos museus municipais de arqueologia, inscritos na Área Metropolitana de Lisboa, que me proponho analisar no âmbito da dissertação de Mestrado em Museologia. Pretendo investigar sobre a (in)visibilidade das mulheres nos discursos do Passado e interrogar de que forma a construção dessas narrativas poderá validar o discurso dominante. Nesta perspectiva, levanto o debate, tão actual, sobre a importância social dos museus. Estes representam uma designada via não formal de ensino e como tal, têm a responsabilidade de ser um espaço de questionamento e reflexão. O perigo de transmissão de estereótipos como uma verdade inquestionável levanta sérias questões que devem ser trazidas para discussão pública.

2. WERE THEY ALL MEN? LEVANTAM-SE OUTRAS VOZES

A denominada segunda onda feminista, caracterizada como um movimento de libertação das mulheres do Ocidente, é situada entre meados dos anos 60 e a década de 80 do século XX (NOGUEIRA, 1996, p.155). A exposição da estrutura androcêntrica da sociedade ocidental e a opressão à Mulher, com destaque para a esfera do trabalho e, sobretudo, no seio da «família nuclear como instituição imutável, natural e necessária», foram dos principais focos de crítica desta vaga (*idem*, p.156). Fundamental para essa tomada de consciência foi a perspectiva do “género” como uma construção social. Nesta lógica, a

subordinação das mulheres, não sendo biologicamente determinada, poderia ser alterada. Simone de Beauvoir, nome sonante do movimento feminista, denuncia a opressão masculina e o sistema em que o homem é a norma e a mulher é a alteridade. *On ne naît pas femme: on le devient*, frase da sua obra *Le Deuxième Sexe* (1949) plasma a dissociação do conceito de “género” do conceito de sexo biológico e torna-se um dos principais lemas do movimento.

A agenda desses movimentos repercute-se nas ciências sociais na década de 1970 e, na década seguinte, o género surge no discurso político e institucional, começando a integrar-se nas políticas dos direitos humanos e da luta contra a discriminação com base no sexo, bem como a difundir-se na opinião pública, através da Comunicação Social (AMANCIO, 2003, p.688).

No pensamento arqueológico, o que parecia ser entendido como natural durante a primeira metade do século XX, começa a ser alvo de crítica. As posições teoricamente neutras e objectivas da disciplina eram criticadas, procurando demonstrar que a Arqueologia reproduziu visões nacionalistas, classistas, racistas, sexistas e androcêntricas nas interpretações do Passado (WYLIE, 1997), tornando os comportamentos e actividades dos homens brancos de elite na norma representativa de toda a cultura do Passado (NELSON, 2004). Acentuou-se a crítica apontando-se que a História, e a Arqueologia, eram feitas por homens e para homens e quando as mulheres surgiam representadas era através da sua relação com os homens (Sánchez Romero, 2018; Patou-Mathis, 2021:39).

Não se poderão deixar de citar dois marcos no surgimento da Arqueologia Feminista: o momento em que, em 1979, numa conferência organizada pela *Norwegian Archaeological Association*, os investigadores Reidar Bertelsen, Arnvid Lillehammer e Jenny-Rita Naess colocam uma pergunta: “Were They All Men?” (MARY, 2017); e a publicação do artigo *Archaeology and the Study of Gender* (1984), pelas arqueólogas Janet Spector e Margaret Conkey, na América do Norte. O artigo pioneiro aponta as causas historiográficas, sublinhando a matriz e domínio androcêntricos da teoria e prática arqueológica. Partindo da prática feminista, as autoras obrigaram a uma reflexão epistemológica e, para além de apontarem a falta de objectividade da Arqueologia, apresentaram o “género” como uma classificação social e não biológica e, como tal, variável no es-

paço e no tempo. Neste aspecto, Conkey e Spector, inspiraram-se em estudos feministas já existentes, particularmente na área da antropologia, que já alertavam para a necessidade de considerar a Mulher como sujeito histórico (BERROCAL, 2009, p. 28). As autoras reivindicavam a aplicação de novos modelos no estudo do passado, que questionassem a universalidade da divisão sexual do trabalho e que desafiassem a sobrevalorização das actividades tradicionalmente atribuídas aos homens em detrimento daquelas tradicionalmente associadas às mulheres (VOSS, 2000: 288).

Nos anos noventa do século XX, surgem movimentos que expõem as dificuldades que as mulheres de diferentes classes, etnias e identidades de género enfrentam, que são geralmente integrados na terceira vaga feminista.

Entre os nomes marcantes deste período está o de Kimberlé Crenshaw, norte-americana, professora de Direito e defensora dos direitos civis. Em 1989, desenvolve a teoria da interseccionalidade, em resposta às múltiplas formas de opressão às mulheres. Esta teoria marca o feminismo interseccional, que centra as vozes daqueles que experimentam formas sobrepostas e simultâneas de opressão, a fim de compreender a profundidade das desigualdades e as relações entre eles num dado contexto (CRENSHAW, 1989).

Outro dos nomes da terceira vaga feminista é o de Judith Butler, uma das principais referências da teoria *queer*. Em 1990, na obra “Problemas de Género”, desenvolve a teoria da Performatividade. Embora sujeita a crítica no movimento feminista, é uma das influências fundamentais para a reflexão sobre a identidade e relações de género nas ciências sociais. Na teoria da Performatividade, a autora defende que a categoria de “Mulher” é uma ficção criada (implica antecipação) e mantida pela repetição de comportamentos expectáveis (repetição e ritual). Daí a afirmação de que o género é performativo, sendo uma categoria histórica em constante processo de remodelação e sujeito a normativas culturais. Considera que a identidade de género é mais um produto do que uma causa. O género não é totalmente determinado, nem totalmente artificial ou arbitrário (BUTLER, 1990).

Actualmente, na crítica feminista e de género, a ideia de que o género se cruza com outras categorias identitárias, tais como idade, etnia ou *status* está bastante presente.

A crítica arqueológica feminista alertou que a divisão do trabalho em função do género não deve ser considerada como um dado adquirido, isto é, pode não ter existido em algumas culturas, nem ter estado limitado a um modelo estritamente binário.

Nos últimos anos verificou-se uma intensificação na produção e divulgação científicas e, aparentemente, uma crescente atenção por parte da comunidade científica arqueológica a estas perspectivas.

A investigadora canadiana Alison Wylie divide o sexismo e androcentrismo em Arqueologia em grandes categorias nas críticas: conteúdo e equidade. Atribui grande importância ao cruzamento das duas categorias na perspectiva de explicar o porquê da produção e persistência de silêncios e estereótipos em Arqueologia.

A equidade respeita à caracterização da realidade arqueológica: trabalho, ensino e Academia, estruturas institucionais.

Referindo-se ao conteúdo, distingue que este poderá relacionar-se com o apagamento ou com a forma como as mulheres e o género são representados. O primeiro corresponde a apagar as mulheres e o género da selecção do tópico de pesquisa mesmo quando esses conceitos são cruciais para a narrativa. O segundo respeita às interpretações arqueológicas, que são frequentemente construídas com enquadramentos de género, ou seja, quando as funções atribuídas a objectos e sítios são muitas vezes acompanhadas por especificações de género, ou que os modelos de interpretação para fenómenos culturais diversos resultam muitas vezes na projecção de premissas de cariz etnocêntrico e androcêntrico na Pré-História. Essas premissas reflectem-se na divisão do trabalho ou no *status* e papéis atribuídos às mulheres na Pré-História, sendo esta frequentemente remetida ao ambiente doméstico (WYLIE, 1997). É sobretudo sobre a questão do conteúdo que pretendo debater-me.

3. DO WOMEN HAVE TO BE NAKED TO GET INTO THE [MET] MUSEUM?

Uma das primeiras vezes que vemos a crítica feminista chegar aos museus é pelas mãos do colectivo, *Guerrilla Girls*, que nasce em 1985. Uma das marcas deste grupo de activistas é a utilização de uma máscara de gorila, para manterem o seu anonimato. Um dos principais objectivos das suas acções é denunciar o preconceito de género e étnico na arte, na política

e na cultura pop. Em 1989, foi-lhes pedido que realizassem um cartaz para o *Public Art Fund*, em Nova Iorque. As activistas deslocaram-se ao *Metropolitan Museum of Art*, onde contabilizaram o número de mulheres artistas representadas nas galerias e contrapuseram o resultado ao número de nus femininos nas obras expostas. No cartaz revelaram que as mulheres artistas representadas eram menos de 5%, mas que 85% dos nus nas obras de arte eram mulheres. Os dados eram acompanhados de uma imagem de um nu feminino reclinado e com a característica máscara de gorila, onde a seguinte pergunta saltava à vista: *Do Women have to be naked to get into the Met. Museum?* O *Public Art Fund* rejeitou a proposta, pelo que as *Guerrilla Girls* publicaram o cartaz nos autocarros da cidade. Adaptado a realidades de outros museus, o cartaz é hoje um dos mais icónicos do Colectivo que luta pela representatividade e que é uma das principais vozes contra o preconceito no mundo da arte (GUERRILLA GIRLS, recurso online).

Nos museus de arqueologia, apesar de terem passado quase quarenta anos desde a publicação do artigo apontado como o marco para o surgimento da arqueologia feminista, é na última década que se tem verificado maior repercussão das críticas feminista e de género nesses espaços. Porém, pequenas mudanças podem causar algum atrito.

Em 2012, foi inaugurada a exposição *Arte sin artistas. Una mirada al Paleolítico*, no Museu Arqueológico Regional de Madrid. O título espelhava um dos objectivos da exposição: reflectir sobre a arte rupestre, apresentando o que se conhecia, ao mesmo tempo que se mostrava o que se ignorava sobre esse passado distante e os seus protagonistas. O cartaz de apresentação era uma ilustração de uma mulher, com duas crianças, a pintar a gruta de Altamira, no Paleolítico Superior. As críticas não tardaram. Vozes indignadas levantaram-se contra a opção expositiva, perguntando como se atreviam a colocar tal hipótese, publicamente, sem dados suficientes que provassem que os autores das pinturas poderiam ser mulheres (ESCOLAR GARCÍA & BAQUEDANO PÉREZ, 2014, pp. 136 – 137). Marga Sánchez Romero, investigadora e autora do livro *Prehistorias de Mujeres*, refere que às mulheres são impostas provas científicas para se aceitar que estas “fizeram” e “estiveram”, lamentando que não seja exigido o mesmo rigor científico em relação aos homens (2022², p.89). Acrescenta que os avanços científicos (tais como as análises de isótopos ou os estudos genéticos que

informam sobre o sexo, parentesco, mobilidade ou doenças) estão a tornar-se os melhores aliados da investigação feminista, ao permitir responder a perguntas que não seriam realizadas pelo discurso normativo (*ibid*, p.140) e androcêntrico.

Maria Ángeles Querol Fernández denota que «si el pasado que reconstruimos ha de servir para comprendernos como seres humanos, resulta incoherente que la mitad de la humanidad - las mujeres - estén prácticamente ausentes» (2014, p.44). No artigo sobre a mensagem que os museus modernos transmitem sobre a mulher no passado, a investigadora analisa seis museus com arqueologia, que abriram as portas ao público entre 2002 e 2014, em Espanha. Para além de contabilizar o número de mulheres e homens, a autora analisa a postura, atitude e protagonismo de quem é representado. Assim, verifica que a percentagem relativa à representação da mulher nunca ultrapassa os 33%. Quanto à postura, contrariamente ao que acontece nas representações masculinas, as mulheres surgem frequentemente de joelhos, o que nas palavras da autora é «la postura de humillación total del ideario artístico» (*ibid*, p.48). Relativamente às tarefas desempenhadas, as mulheres aparecem maioritariamente associadas à cozinha e aos trabalhos do cuidado.

O cuidado implica as actividades relacionadas com o bem-estar dos indivíduos (crianças, adultos ou idosos, saudáveis ou doentes). “As actividades com o cuidado permitem a sobrevivência do grupo e são imprescindíveis para o desenvolvimento social e produtivo de todas as sociedades do Passado” (PASTWOMEN, recurso online), e, como podemos observar na Pandemia, também para as sociedades actuais.

O livro *Gender Stereotypes in Archaeology. A Short Reflection in image and text* plasma muitos dos estereótipos que se reflectem no discurso museológico. Trata-se de uma obra conjunta, com o contributo de diversos autores, maioritariamente autoras. Os estereótipos que associam as mulheres às actividades do cuidado são abordados. Uma das críticas é a de que, tradicionalmente, essas actividades (que implicam higiene, alimentação, conforto, saúde e afecto) têm vindo a ser associadas a mulheres, mesmo não havendo evidências inequívocas para essa associação. Para além disso, acrescenta que a sistemática associação dessas actividades às mulheres, geralmente com argumentos de motivação biológica, resulta na percepção de que o cuidado não implica tecnologia, conhecimento ou experiência, ou seja, numa desva-

lorização. O cuidado está relacionado com condições sociais e económicas que facilitam e asseguram a comunidade e isso implica o envolvimento de todos os membros. (SÁNCHEZ ROMERO, 2021, pp.16-17).

Uma vez mais, é através de atributos biológicos que parece haver uma valorização das mulheres, através da deificação dos seus corpos que, por uma leitura enviesada de signos (de que são exemplo as “Vénus” paleolíticas, placas de xisto ou ídolos-falange), são associados a fecundidade e fertilidade. Contudo, essa elevação ao mundo do sagrado não é sinónimo de atribuição de poder às mulheres, nem relevância social, política ou económica (DINIZ, 2006; VALE, 2015).

Outro estereótipo que persiste é a representação “homem activo – mulher passiva” (ARNOLD, 2021a, pp. 14-15). Este preconceito é apontado desde a emergência da arqueologia feminista (CONKEY & SPECTOR, 1984). Em 2011, a investigadora Aida Rechená denunciava a presença desse estereótipo na maqueta do *tholos* de Alcalar, da exposição de longa duração “Portimão – Território e Identidade”, patente no Museu de Portimão desde 2008. Na sua tese de doutoramento, a autora descreve o seguinte: «a maqueta (...) constitui a representação que o museu faz do monumento funerário real, fundamentada nos resultados das escavações arqueológicas, mas também nas tradicionais interpretações museológicas das sociedades pré e proto-históricas. (...) As miniaturas de mulheres presentes na maqueta correspondem às representações mais frequentes que na contemporaneidade fazemos das sociedades pré e proto-históricas. Têm um papel quase invisível no grupo humano e estão associadas às funções domésticas de preparação dos alimentos, da cerâmica, do vestuário e do cuidado dos filhos. Neste caso, a representação das mulheres está relacionada com a actividade de preparação de fibras têxteis ou vegetais consideradas uma ocupação feminina. Os homens surgem representados a realizar todas as acções de construção do *Tholos*, facto para o qual não há seguramente uma evidência arqueológica. As mulheres estão representadas afastadas das funções e acções associadas ao sagrado (monumentos e rituais funerários), um dos âmbitos mais importantes da vida da comunidade, no qual elas são remetidas para um papel secundário. São o único grupo de seres humanos representados na maqueta que estão no chão, neste caso ajoelhadas ou sentadas. Os homens estão todos em pé» (2011, pp. 244-245).

Verifica-se que os homens são os protagonistas que surgem activos no espaço público, associados às inovações tecnológicas, que se revestem tradicionalmente de maior relevância. Por oposição, as mulheres são secundarizadas, remetidas para tarefas passivas, ligadas ao ambiente doméstico e desvalorizadas. Quão distantes estão estas representações da crítica social realizada por Simone de Beauvoir, em 1949, quando denunciou o sistema em que o homem era a norma e a mulher era a *alteridade*?

Já referi que uma das características da segunda onda feminista foi a da saída da mulher do lar e a crítica ao ideal de família nuclear e Ocidental, típica da classe média, em que os homens trabalhavam e as mulheres ficavam em casa. Voltando a recorrer à obra *Gender Stereotypes in Archaeology. A Short Reflection in image and text* (2021), outro preconceito que se reflectiu, ou reflecte ainda, em muitos museus e na divulgação pública em geral é o do “homem caçador e arqueólogo de campo vs mulher recolectora e arqueóloga de laboratório” (ARNOLD, 2021b, pp. 10-11). A investigação arqueológica sustentou tais ideais com a publicação de obras como *Man The Toolmaker* (1957) e *Man The Hunter* (1968), com actividades e tecnologias desenvolvidas pelo Homem a explicar e a ocupar um papel determinante na evolução histórica (Sánchez Romero, 2018, pp. 43-44). A investigadora, Bettina Arnold, refere que esse estereótipo permanece no imaginário popular e tal influencia a forma como se vêem os arqueólogos e arqueólogas.

4. ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA...

*Dearest art collector,
It has come to our attention that your collection,
like most,
Does not contain enough art by women
We Know That You Feel Terrible About This
And Will Rectify The Situation Immediately
All Our Love,
Guerrilla Girls²*

O Colectivo francês *Paye ta Truelle* realizou uma recolha de testemunhos de trabalhadores e estudantes de arqueologia vítimas de assédio sexual e/ou dis-

2. Texto *Dearest art collector*, do cartaz da autoria do colectivo *Guerrilla Girls*, 1986. Em linha: <https://www.guerrilla-girls.com/projects> (acedido em 20/06/2023).

criminações. Este trabalho deu origem à exposição *Archéo-Sexisme*, realizada em parceria com a associação Archeo-Etique. A exibição foi inaugurada a 8 de Março de 2019 e tem circulado por vários locais (França, Bélgica, Suíça, Canadá, Grécia, Reino Unido), para combater as discriminações em arqueologia (sexistas, racistas, de classe, de género) (PAYE TA TRUELLE, recurso online). A prática museológica serviu como um meio para denunciar questões de equidade em arqueologia, mas a iniciativa partiu de um colectivo, não de uma instituição.

Fora dos museus, tem crescido a divulgação das questões trazidas pelas arqueologias feminista e de género nas plataformas audiovisuais generalistas. Através de canais de *Youtube*, cinema ou *podcasts*, são debatidos e combatidos muitos dos estereótipos que permanecem nos espaços museológicos e na cultura popular. A título de exemplo, *Les erreurs sexistes de l'archéologie* ou *Les femmes préhistoriques chassaient-elles? Le débat des scientifiques* foram episódios realizados pela equipa do canal de Youtube *C'est une autre histoire*, que visa combater *clichés* e preconceitos vigentes na História. Em Portugal, em *Let's Rock*, um podcast sobre arqueologia Pré-Histórica, da investigadora Sara Cura, alguns convidados trouxeram abordagens e sugestões de leitura ou cinema que integravam perspectivas das arqueologias feminista e de género.

Têm ocorrido mudanças sociais e os museus têm vindo a redefinir-se e a mutar-se de acordo com o papel que consideram ter na e para a sociedade. Paulatinamente e não sem resistência (BRYANT-GREENWELL, recurso online), os museus parecem agora reconhecer que terão funcionado como agentes de reprodução das estruturas de dominação (BOURDIEU, 2002 [1998]), mas também reconhecem a sua potencialidade e tendem a repensar-se, equacionando não só o “quê”, mas também “quem”, por “quem” e “como” (CARVALHO, 2016). A nova definição de Museu, aprovada em 2022, plasma esta reflexão sobre as práticas museológicas: «Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhe-

cimento.» (ICOM, recurso online). Esta reflexão é igualmente notória na mais recente edição do dicionário de museologia (MAIRESSE, 2023), uma referência para o mundo dos museus desde a sua primeira publicação. Demonstrando uma preocupação com a utilização de uma linguagem inclusiva e acessível, a última edição, largamente difundida pelo ICOM (International Council of Museums), integra definições como “não-binário”, “queer”, “género”, “LGBTQ” ou “2SLGBTQIA+”.

Já falei do caso das Guerrilla Girls, o colectivo de artistas que impulsionou a denúncia do preconceito de género e étnico patentes nas práticas museológicas. Parece que a Arte é precursora na introdução de tópicos para reflexão e crítica sociais, alcançando as instituições museológicas. Citando alguns exemplos em Portugal, programações como *Hetero Q.B.* (Museu Nacional de Arte Contemporânea, 2013), que abordava temáticas como feminismo, lesbianismo e transgénero; a exposição *A Coleção Gulbenkian sai do Armário Dourado?* (Museu Calouste Gulbenkian, 2017), que permitiu outra leitura da colecção através de narrativas e iconografias *queer*; ou o projecto *O Poder da Palavra* (Museu Calouste Gulbenkian, 2022), que procurou a voz das mulheres na Galeria do Oriente Islâmico.

As críticas feminista e de género também começam a chegar a museus de arqueologia. O POWER (projecto financiado pela Agência Nacional Francesa que estabelece parcerias estratégicas para o trabalho de sensibilização para o género e de como este está ligado ao poder) utiliza a arte e outros meios não formais para sensibilizar como as pessoas ainda hoje sofrem discriminação e opressão devido à sua identidade de género, ao mesmo tempo que fornece ferramentas para pensar estas questões. Actualmente existem organizações de Espanha, Itália, França e Eslovénia a trabalhar em conjunto. O género é uma das dimensões da distribuição desigual do poder, com as mulheres a tenderem ter menos poder do que os homens, através de tempos e lugares diferentes. Destaca-se que este projecto tem sido aplicado no Museu Arqueológico Nacional de Madrid, nomeadamente na realização de um itinerário focado no “presentismo” e ucrónia da exposição (POWER, recurso online).

Em Portugal, não obstante a bibliografia produzida nos campos da arqueologia feminista e de género (e.g. JORGE & JORGE, 1996; DINIZ, 2006; MARTINS, 2013, 2016; GOMES, 2011, 2015; VALE, 2015),

tenho conhecimento de poucos museus de arqueologia que transparecem uma reflexão sobre estas temáticas nas suas narrativas.

5. PARA ALÉM DAS PAREDES...

Richard Sandell, investigador na área da museologia, igualdade e justiça social, frisa que os museus «(...) do not operate in a vacuum, as if sealed off from the social and political conditions that shape (constraints and oppress, empower and enable) lives beyond their walls. The narratives we prepare and present in museums have real consequences; ripple effect that, while sometimes diffuse and challenging to trace, nevertheless the ways in which we think, talk about and act towards difference» (2017, p.87).

O estudo sobre a igualdade de género ao longo da vida em Portugal e outros países da Europa, promovido pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, mostra que ser mulher é uma desvantagem. Apesar de serem «(...) mais escolarizadas, as mulheres obtêm salários mais baixos, têm relações contratuais mais precárias, têm uma probabilidade maior de ficar no desemprego e ocupam mais tempo nas tarefas domésticas e a cuidar da família (TORRES, 2018, p.62). Outro estudo, realizado em 2019, demonstrava que as mulheres, em média, destinam quase seis horas por dia (5 horas e 48 minutos) a trabalhos não pagos.» (SAGNIER & MORELL, 2019 p.206). Quantas vezes meninas, ou mulheres, quando visitam museus, terão que fazer um exercício quase idêntico ao que se fazia quando se procurava o Wally nos livros, para encontrarem representações de mulheres? Quando as encontram, estão associadas a tarefas passivas, ligadas ao ambiente doméstico e desvalorizadas. Não tenderão a naturalizar esse lugar? Se parece ter sido sempre assim...

Ao longo do artigo procurei mostrar exemplos de estudo sobre opções expositivas nos museus de arqueologia. Em muitas das situações, as investigadoras também observaram que o homem é retratado como protector, caçador, guerreiro ou como o *provider*, aquele que tem obrigação de sustentar a família. Conjuguei a frase no singular propositadamente, pois estas representações do homem não dão margem para outras formas de ser. São apresentados os comportamentos que determinada sociedade considerava, ou considera, adequados ao “ser homem”. Verifica-se a perpetuação de estereótipos que poderá afectar negativamente os diversos géneros. O

estudo sobre a igualdade de género, citado anteriormente, revelou que: «A necessidade de demonstração da masculinidade, associada a uma ideia de controlo ou domínio, conduz muitas vezes os homens, e em particular os jovens, a comportamentos de risco com efeitos extremamente negativos. Tal é evidente quando se conclui, por exemplo, que na UE (...) 60% dos homens jovens morrem de causas externas às doenças (acidentes, acidentes rodoviários, quedas, afogamentos, suicídio, envenenamento e agressão), o que acontece apenas com 40% das mulheres jovens. (TORRES, 2018, pp. 64-65).

Eilean Hooper-Greenhill, quando questiona sobre o que é um museu, nota que « Although we are familiar with the way in which advertisements, for example, select and manipulate images of material objects in relation to their associative and relational potentials, it is not understood that the ways in which museums ‘manipulate’ material things also set up relationships and associations, and in fact create identities» (1992, p.6) Neste sentido, os museus de arqueologia poderiam desempenhar um papel importante na transformação e melhoria da sociedade ao questionar e reflectir sobre estereótipos que continuam a ser projectados nas interpretações do passado? Estereótipos que podem ter consequências negativas para as sociedades actuais, por validarem comportamentos e mecanismos estruturais que reproduzem desigualdades? Os discursos arqueológicos e, consequentemente, museológicos tendem a continuar narrativas que implicam distinção e definição de papéis sociais com base no género sem evidências científicas da existência dessa hierarquia. É difícil avaliar o impacto desses discursos na sociedade, mas cada vez mais os museus arqueológicos, enquanto espaços de legitimação e divulgação de conhecimento, têm o dever social de reflectir sobre estas questões.

BIBLIOGRAFIA

ARNOLD, Bettina (2021a) – Only Women Took Care of the Old and Sick in Past Societies. In COLTOFEAN ARIZANCU, Laura; GAYDARSKA, Biseerka; MATIC, Uros, eds. – *Gender Stereotypes in Archaeology: A Short Reflection in Image and Text*. Leiden: Sidestone Press, pp. 10-11.

ARNOLD, Bettina (2021b) – Active men – passive women. In COLTOFEAN ARIZANCU, Laura; GAYDARSKA, Biseerka; MATIC, Uros, eds. – *Gender Stereotypes in Archaeology: A Short Reflection in Image and Text*. Leiden: Sidestone Press, pp. 14-15.

- AMÂNCIO, Lígia (2003) O Género no Discurso das Ciências Sociais. In *Análise Social*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. vol. XXXVIII:168, pp. 687-714.
- BEAUVOIR, Simone (1949) – *Le Deuxième Sexe*. Paris: Gallimard.
- BERROCAL, María Cruz (2009) – Feminismo, Teoría y Práctica de una Arqueología Científica. *Trabajos de Prehistoria*. Espanha. 66: 2, pp. 25-43.
- BOURDIEU, Pierre (2002 [1998]) – *A Dominação Masculina*. Brasil: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRYANT-GREENWELL, Kayleigh – Taking a Stand Against Neutrality: The Role of Social Justice in Museums. *MUSEUM ID*. <https://museum-id.com/taking-a-stand-against-neutrality-the-role-of-social-justice-in-the-21st-century-museum/> (acedido em 20/06/2023).
- BUTLER, Judith (1990) – *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, Chapman & Hall.
- C'EST UNE AUTRE HISTOIRE – <https://www.youtube.com/@manonbrilcuah> (acedido em 10/6/2023).
- CARVALHO, Ana (2016) – Diversidade Cultural: da Periferia para o Coração dos Museus. *Boletim ICOM Portugal*. Série III. 5, pp. 8-12.
- CONKEY, Margaret; SPECTOR, Janet (1984) – Archaeology and the Study of Gender. *Archaeological Theory and Method*. Nova York: Academic Press. 7, pp. 1-38.
- CRENSHAW, Kimberle (1989) – *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. University of Chicago Legal Forum, 1, pp. 139-167.
- CURA, Sara – Let's Rock: Um podcast da Idade da Pedra. Spotify. <https://open.spotify.com/show/6Bkb5lV93yg4wwZFckiGtU> (acedido em 25/06/2023).
- DINIZ, Mariana (2006) – Para a História das Mulheres na Pré-História: Em torno de Alguns Atributos do Discurso. *Promontoria: Revista de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*. 4, pp. 37-51.
- ESCOBAR GARCÍA, Inmaculada; BAQUEDANO PÉREZ, Enrique (2014) – ¿cómo nos (re)presentamos? iconografías de género en las exposiciones y actividades del Museo arqueológico regional de la comunidad de Madrid. *Museos, arqueología y género: relatos, recursos y experiencias*. Revista del Comité Español de ICOM, pp. 128-141.
- GUERRILLA GIRLS – <https://www.guerrillagirls.com/> (acedido em 1/06/2023).
- GOMES, Francisco (2011) – Arqueologia e Género(s): de *strange bedfellows* a um paradigma de leitura crítica do Passado. *Sapiens: História, Património e Arqueologia*. 5, pp. 6-30.
- GOMES, Francisco (2015) – Género, Identidade e Poder: Para uma leitura crítica das relações de Género em Arqueologia. *Conimbriga*. LIV, pp. 27-44.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean (1992) – *Museums and the shaping of knowledge*. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- ICOM – PORTUGAL (INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS) – Definição: Museu. <https://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/> (acedido em 25/05/2023).
- JORGE, Vítor Oliveira & JORGE, Susana Oliveira (1996) – Women in Portuguese Archaeology. In *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 36, pp. 143-167.
- MAIRESSE, François (2023) – *Dictionary of Museology*. Routledge: Taylor & Francis Group.
- MARTINS, Ana Cristina (2013) – Mulheres cientistas e os Trópicos: uma visão preliminar. *Actas do Colóquio Internacional Ciência nos Trópicos: olhares sobre o passado, perspectivas de futuro*. Lisboa: IICT, pp. 1-21.
- MARTINS, Ana Cristina (2016) – Pioneiras da arqueologia em Portugal: «another brick» against «the wall» of indifference. Maria de Lourdes Costa Arthur (1924-2003). *Clepsydra. Revista de Estudos del Género y Teoría Feminista*. 15, pp. 77-100.
- MARY, L. (2017) – L'archéologie du genre: une introduction, *Simona* <https://simonae.fr/articles/larcheologie-du-genre-une-introduction#lien2> (acedido em 11/01/2023).
- MNAC – MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA – Hetero Q.B. <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/programs/view/1471> (acedido em 20/06/2023).
- MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN – A Coleção Gulbenkian sai do Armário Dourado? <https://gulbenkian.pt/museu/artigos/colecao-gulbenkian-sai-do-armario-dourado/> (acedido em 20/06/2023).
- MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN – O Poder da Palavra III, <https://gulbenkian.pt/museu/agenda/o-poder-da-palavra-iii/> (acedido em 20/06/2023).
- MUSEU MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA – Núcleo Museológico do Mártir Santo, <https://www.museumunicipalvfxira.pt/nucleos/galeria-77> (acedido em 12/06/2023).
- NELSON, Sarah Milledge (2004²) – *Gender in Archaeology: Analysing Power and Prestige*. Altamira Press.
- NOGUEIRA, Maria da Conceição de Oliveira Carvalho (1996) – *Um novo olhar sobre as relações sociais de género: perspectiva feminista crítica na psicologia social*. Doutoramento em Psicologia Social e das Organizações. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.
- PASTWOMEN – Outras Miradas Al Passado. <https://otrasmiradas.pastwomen.net/> (acedido em 20/05/2023).
- PATOU-MATHIS, Marylène (2021) – *El Hombre Prehistórico es También una Mujer*. Espanha: Lumen.

PAYE TA TRUELLE – Exposition Archéo-Sexisme. <https://payetatruelle.wixsite.com/projet/exposition-archeo-sexisme> (acedido em 3/06/2023).

POWER – The Project. <https://www.explorepower.eu/project/> (acedido em 21/06/2023).

QUEROL FERNÁNDEZ, María Ángeles (2014) – Mujeres del pasado, mujeres del presente: El mensaje sobre los roles femeninos en los modernos museos arqueológicos. *Museos, arqueología y género: relatos, recursos y experiencias*. Revista del Comité Español de ICOM, pp. 44-55.

RECHENA, Aida (2011) – *Sociomuseologia e Género: imagens da Mulher em exposições de museus portugueses*. Doutoramento Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal.

SAGNIER, Laura; MORELL, Alex, coord. (2019) – *As mulheres em Portugal, hoje: Quem são, o que pensam e o que sentem*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

SÁNCHEZ ROMERO, Margarita (2018) – La (Pre)Historia de las Mujeres: Una Revisión Crítica de los Discursos sobre el Pasado. *Ah – Andalucía En La Historia: Dossier Medicina y Salud Pública*. Centro de Estudios Andaluces. 61, pp. 40-45.

SÁNCHEZ ROMERO, Margarita (2021) – Only Women Took Care of the Old and Sick in Past Societies. In COLTOFEAN ARIZANCU, Laura; GAYDARSKA, Biseerka; MATIC, Uros, eds. - *Gender Stereotypes in Archaeology: A Short Reflection in Image and Text*. Leiden: Sidestone Press, pp. 16-17.

SÁNCHEZ ROMERO, Margarita (2022²) – *Prehistorias De Mujeres*. Barcelona: Editorial Planeta.

SANDELL, Richard (2017) – *Museums, Moralities and Human Rights*. New York: Routledge.

TORRES, Anália, coord. (2018) – *Igualdade de género ao longo da vida*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

VALE, Ana (2015) – A Mulher e a Pré-História, Alguns Apontamentos para Questionar a Tradição e a Tradução da Mulher-Mãe e Mulher-Deusa na Arqueologia Pré-Histórica. *Coimbriga: Revista do Instituto de Arqueologia (Universidade de Coimbra)*. 54, pp. 5-25.

VOSS, Barbara (2000) – Feminisms, queer theories, and the archaeological study of past sexualities. *World Archaeology: Queer Archaeologies*. Taylor & Francis, Ltd. 3:2, pp. 180-192.

WYLIE, Alison (1997) – The Engendering of Archaeology: Refiguring Feminist Science Studies. *Osiris: Women, Gender and Science: New Directions*. The University of Chicago Press, pp. 80-99.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**